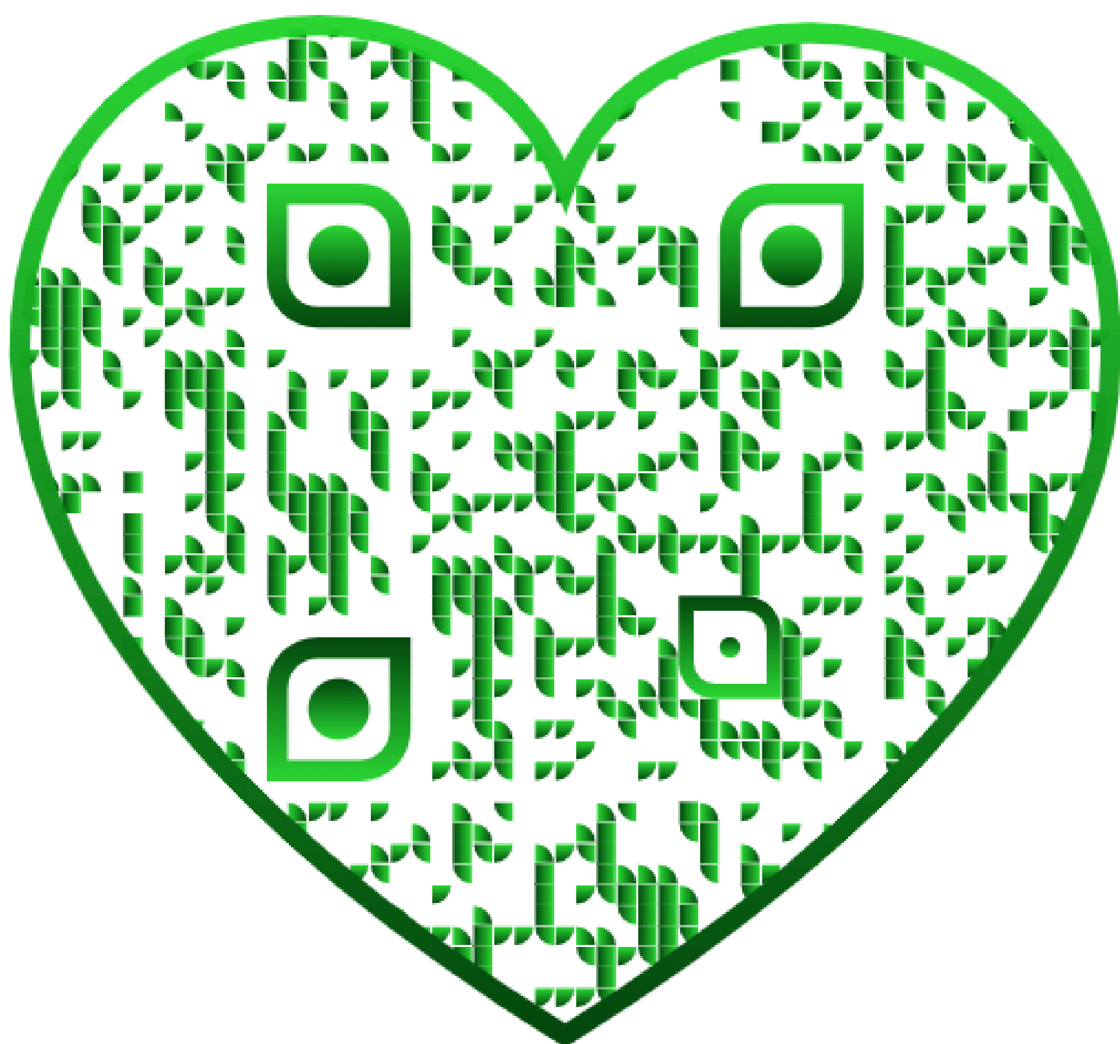
Copyrighted Material

A PAIXÃO DO TEMPLÁRIO

Estévão de Sousa

Copyrighted Material



Estêvão de Sousa

A Paixão Do Templário

000OOO000

Nota do Autor:

O presente livro procurou reproduzir fielmente os factos históricos que relatam o principio, existência e fim da Ordem dos Cavaleiros do Templo.

Sendo o mais fiel possível, no que concerne aos acontecimentos em que a Ordem esteve envolvida, quis o autor introduzir uma descontraída forma de os narrar, procurando fazê-lo de uma forma descomplexada, que espera seja do agrado do leitor.

Estêvão de Sousa

CAPÍTULO I

Localizada na Serra da Freita, a catorze quilómetros de Arouca,

encontra-se a povoação de Albergaria da Serra. Nesta agradável povoação situada numa zona de intenso verde, irrigada por alguns riachos que, prazerosamente se deixam espreguiçar pela bucólica paisagem, existe um misto de café-mercearia, onde as gentes da aldeia se costumam reunir aos fins de semana e, também nos serões, nas noites longas de inverno, e ainda, sempre que os afazeres agrícolas e de pastorícia lhes permitem fazê-lo.

Estamos em plena região da afamada e internacionalmente conhecida carne Arouquesa, com denominação de origem protegida. Esta tenra e saborosa carne é-nos dada pelos bovinos Arouqueses, cuja produção é fonte de sustento de uma boa parte da população desta região.

Como em tantas outras localidades deste belo Portugal, aqui habita e moureja uma população cuja ocupação do tempo se distribui pelas dez ou mais horas de trabalho diário, e um merecido descanso no fim do dia, no café atrás referido, em que disfrutando de um são convívio se vão dessedentando com uns copitos de vinho ou umas frescas cervejas, servidas com solicitude, pela Mariquinhas, filha do proprietário do estabelecimento.

Esta Mariquinhas, rapariga vistosa, de cabelos bem pretos, olhos negros e formas arredondadas, de onde sobressai um apetecível busto, traz “presos pelo beicinho” uma meia dúzia de rapazes das redondezas, sem falarmos no professor que há pouco tempo foi colocado na vila e que – julgamos nós – por causa dela, todos os dias à noite ali vai passar o serão. Este professor, jovem, bem-parecido e extremamente simpático, rapidamente cativou os habituais frequentadores do *café da Mariquinhas*, como todos lhe chamam.

Demonstrando possuir cultura e bom trato, com todos convive com afabilidade, deliciando até alguns – quase todos – com as suas histórias.

De tal maneira a sua explanação dos assuntos é apreciada que, muitas vão sendo as vezes em que esclarecimento, ou a dissertação sobre lhe é solicitado um

algo que a alguém interessa. Mostrando-se sempre disponível para esclarecer, ou

simplesmente satisfazer a curiosidade daqueles que a ele se socorrem - procurando de algum modo enriquecer o conhecimento - imediatamente se disponibiliza, quando a isso é solicitado.

Porque tal prática já se tornou um hábito, é frequente, especialmente nas noites frias de inverno, com todos reunidos à volta da lareira que a Mariquinhas se esforça por manter bem acesa, ouvir-se um dos presentes dizer:
- Então professor, hoje não nos conta uma das suas histórias?

O jovem professor normalmente acomoda-se melhor na cadeira, sorve um pouco do café que, quentinho o espera na chávena, e sem mais delongas, responde ao que o interpelou:

- E o que vais tu querer saber? – Começando, após o interessado lhe ter explicitado a pretensão, a satisfazer-lhe o desejo, o que faz com que todos os presentes deixem as conversas em que se encontravam envolvidos para, com mil ouvidos, se aprontarem a não perder pitada!

Naquela noite, em que lá fora se ouvia a chuva a bater nos vidros das embaciadas janelas, impelida pelo forte vento que se fazia sentir, foi o nosso professor abordado por um dos presentes:

- Ó professor! Ouvi ontem, na televisão, estarem a falar nuns templários, ou lá o que eles eram, que fiquei sem perceber nada. Parece que os homens iam daqui ao cabo do mundo para darem bordoada nos Mouros. Isso é verdade?

- Olha, meu caro Zé Cebola: existiu de facto uma ordem militar de cavaleiros que se propunha combater os sarracenos.

- Ó professor! Desculpe, mas eu não estou a perceber nada do que está para aí a dizer. – Lamentou-se um dos ouvintes. – Eu sei lá o que são sarracenos?

- Bem, meu caro Joaquim, sendo assim, acho que vou ter de contar uma longa história para que todos fiquem a saber quem eram os sarracenos, os templários e tantos outros em que iremos falar. Estão dispostos a passar uns valentes serões a escutar-me?
– De imediato se ouviu em uníssono:

- Sim!!!

- Pois então, aqui vai: Tudo começou quando na região francesa de Champanhe nove cavaleiros se juntaram e constituíram um grupo que se propunha defender os cristãos na *primeira cruzada* à Terra Santa. Após as batalhas contra os mouros, seguidores da religião Islã, os cavaleiros cruzados regressaram às suas terras, enquanto Hugo de Payens, com os restantes oito companheiros, ofereciam os seus serviços ao rei cristão Balduíno II, para ficarem em Jerusalém, protegendo os cristãos que visitavam a Cidade Santa, transitando desprotegidos pelas estradas, desde o porto de Acre a Jerusalém.

Com a anuência do rei, que os financiou, Hugo de Payens fundou em 1118 a primeira ordem militar monástica com o nome de, *Pobres Cavaleiros de Cristo* a qual, veio a ser reconhecida pelo Papa em 1120. Instalada a sua sede no local onde havia existido um antigo *templo* de Salomão, ficou por isso conhecida por, Ordem dos Cavaleiros do Templo ou, dos Templários.

- Mas… O professor dá-me licença?
- Diz lá, Zé do chibo!

- O que é uma cruzada?
- Ora, uma cruzada era um movimento militar que partia da Europa Ocidental para Jerusalém, na Terra Santa, durante os séc. XI e XII – na Idade Média - com o objetivo de conquistar a Palestina, no médio oriente, para a manter sob domínio cristão.

- Então e quem vivia lá na Palestina, não era cristão?

- Não! Eram Mouros ou Sarracenos praticantes do Islão, seguidores de Maomé, o qual consideram o último profeta de Deus.

- Mas, ao dizer-vos que a Ordem do Templo foi fundada por Hugo de Payens, digo-vos que ele não estava sozinho nesta tarefa, tendo com ele mais cavaleiros, entre os quais Godofredo de Saint-Omer e dois portugueses, - nessa altura ainda não era Portugal, era Condado Portucalense, - foram eles, Frei Gondemaro e Pedro Arnaldo da Rocha.

Enquanto o professor fazia esta explanação, a Mariquinhas não perdia pitada do que ele ia dizendo, havendo até alturas em que não ouvia os pedidos que, desta ou daquela mesa, lhe iam fazendo.

- Ó Mariquinhas, então quando me trazes o copo de vinho que te pedi há bem

dez minutos? – Perguntava o João da Azenha, já algo impaciente.

- Calma homem! Que o mundo não acaba já! – Respondia a rapariga, contrariada por ter de interromper a audição.

Entretanto, outra voz se ouviu:
- O que é uma ordem militar monástica? – Perguntou a Chica da russa, lá do meio da atenta plateia.

- Olha Chica, uma Ordem Militar Monástica é assim a modos que uma família militar religiosa para lutar pela fé. A dos templários tinha como lema: "*Não para nós Senhor, mas para glória do teu nome*".

- Então, isso queria dizer que eles desprezavam tudo por amor a Deus? – Perguntou o Zé Faustino, um dos mais atentos.

- Assim era Zé. Os cavaleiros da Ordem dos Templários, quando entravam para a ordem, faziam um juramento em que se propunham cumprir com as regras da mesma, e votos de pobreza, castidade, devoção e obediência. E, olha que alguns eram bem ricos!

- Mas há uma coisa que me está cá a azucrinar a cabeça. – Disse o António da Chibita. – Então Jerusalém era assim tão bonita, para tanta gente querer ir vê-la?

- Pois tens razão. Jerusalém é uma cidade bonita, mas não era por isso que os cristãos lá iam. Iam lá para visitar os lugares santos onde Jesus Cristo morreu e ressuscitou! Sendo considerada sagrada pelas três principais religiões abraâmicas Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. É uma das cidades mais antigas do mundo e localiza-se num planalto nas montanhas da Judeia, entre o rio Jordão e o Mar Morto. Israelitas e Palestinos reivindicam-na como sua capital.
- O professor já falou aí em Palestina e Terra Santa. Mas afinal qual é a diferença? – Perguntou a Micas, rapariga esperta, que seguia atentamente tudo quanto era dito.

- A Palestina é um estado que reivindica a soberania sobre a Cisjordânia e a faixa de gaza e que designa Jerusalém Oriental como sua capital, embora tenha outra: Ramala. Logo, parte da Terra Santa é na Palestina.

- Bem, mas como já vai sendo tarde e como me parece que deixou de chover, vou aproveitar para ir andando para os lençóis, que amanhã é dia de trabalho.

Amanhã continuamos a nossa história.

- Ó Mariquinhas traz-me aí um café bem quentinho daqueles

que só tu sabes tirar, porque vou dar continuação à conversa de ontem. E, vocês estejam atentos, pois não estou com grande disposição para fazer repetições.

Após ter bebido o café que a Mariquinhas lhe serviu, toda sorridente, começou o nosso professor a sua narrativa.

- Agora que já sabem o que foi a Ordem dos Cavaleiros Templários que, como se lembram foi criada para proteger os cristãos e Jerusalém.

À medida a Terra Santa, ficando para isso sediados em

que o tempo ia passando e a Ordem ia sendo conhecida pelas batalhas que travava com os sarracenos, mais cavaleiros se lhe iam juntando. Uns, sedentos de glória, outros por amor à causa cristã e ainda, alguns com intensão de se valorizarem.

Com o alargar dos seus membros, os Templários foram-se fixando por várias partes da Europa. Foi assim que se estabeleceram no Condado Portucalense, em Leão, Navarra, e em outros reinos que hoje integram a Espanha; em França, e mais tarde na Escócia, Inglaterra e Suíça. Mais ou menos por esta altura fixaram-se também em Chipre, ilha onde, anos depois, vieram a instalar a sede.

- Ó professor, então e em Portugal? – Perguntou o Zé cebola com ar de distraído.

- Olha lá ó Zé, então eu ontem não disse que nessa altura ainda não existia Portugal, o qual só veio a existir como reino a partir de 1139?

- Ah!...

- Como ia dizendo: com a fixação nos diversos países, os Templários, iam contribuindo para o combate aos Mouros, ajudando os reis católicos a expandirem os seus territórios, a conservá-los e pondo-os a produzir, sendo muitas vezes a Ordem recompensada pelos serviços prestados pelos seus membros, com doações de avultados bens.

Ó professor, assim os cavaleiros iam ficando ricos, não era? – Perguntou a Mariquinhas que tinha parado de atender para acompanhar a lição.
- Sim! Embora, como já vimos, os cavaleiros ao entrarem para a ordem, fizessem votos de pobreza, e as doações se destinassem a esta, alguns – porque ninguém é perfeito – esqueciam os votos feitos. Felizmente, para o bom nome da Ordem, foram poucos.

- Um exemplo das doações feitas à Ordem foi, a efetuada por D. Teresa – mãe do nosso primeiro rei, a qual ao tempo reinava e lhes ofertou a floresta de ceras e os castelos de Soure e Longroiva para que os templários expulsassem os sarracenos do Condado. Também o rei Afonso I de Aragão, por não ter descendentes, lhes deixou toda a sua fortuna. Para além destas doações, eram os templários também contemplados com contínuas subvenções do Papa. Lá mais adiante vamos ver que mais doações a Ordem teve, inclusive de alguns reis de Portugal.

- Mas então, ó professor! Com todas estas propriedades e os cavaleiros sempre nas lutas, quem cultivava as terras que lhes pertenciam? – Voltou a perguntar o Zé Cebola.

- Olha Zé, nem todos os Templários eram cavaleiros. Com o andar dos tempos e o desenvolvimento da Ordem, esta teve necessidade de admitir no seu seio, pessoas que não se enquadravam nos critérios inicialmente estabelecidos para ser templário. Eram estas pessoas que, não sendo cavaleiros, se dedicavam às culturas dos campos, à construção de novas edificações e à administração dos bens.

- Então e eles não podiam ter mulher e filhos? – Perguntou novamente a Mariquinhas.
- Não, minha linda! – Respondeu a rir-se, o professor. Quando entravam para a Ordem dos Templários, os cavaleiros faziam os votos que já vos disse, entre os quais se encontrava o de castidade.

- Ah, pois…Mas também havia o de pobreza e… -Ripostou a Mariquinhas, encolhendo os ombros.

- Não, Mariquinhas não me consta que tivessem havido alguns que se esquecessem dos votos e tivessem as suas paixões. Mas a Ordem era muito hermética!... Se, por ventura alguns houve, não nos podemos esquecer que se tratava de homens e não de santos! Embora também os tenha havido entre eles.

Além de que o amor é belo! – Disse, rindo-se para a rapariga, que lhe retribuiu o sorriso.

- E, com isto acho que chegámos ao fim de mais um serão prometendo amanhã voltar para nova conversa. Até amanhã a todos!

- Até amanhã, boa noite! Responderam os que enchiam a sala.

Cruz Patriarcal

A primeira cruz usada pelos Templários no ombro Esquerdo do manto branco, inspirada no original depositado na Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém e feita de *cinco pedaços do madeiro* onde Cristo foi crucificado.

- Boa noite a todos. Ena! Vejo que hoje, mais uma vez, temos a

sala cheia. Que bom!
- Boa noite professor! – Responderam os presentes.

- Então vamos lá começar o nosso serão falando sobre os cavaleiros do templo. Hoje vamos ver algumas lutas que eles travaram contra os chamados infiéis, que começaram no ano de 1129 com uma intervenção para defender o rei Balduíno quando este se deslocava de Jerusalém a Damasco. Aí os templários sofreram uma dura derrota infligida pelos turcos na cidade de Tecoa, onde nasceu o profeta Amós. Novamente em 1153 foram derrotados numa fracassada tentativa de invasão da cidade de Ascalão, em que 14 cavaleiros foram cercados e mortos pelos turcos. Mas a maior batalha de todas foi em 1177 contra o rei Saladino.

- Conte, professor, conte! – Pediu todo entusiasmado o António da Chibita.

- Cá vai: Saladino foi um rei do Egito que, em 1177 invadiu o reino de Jerusalém com um exército de 30.000 homens, fazendo a sua marcha contra a cidade convencido que o rei Balduíno IV
– que na altura governava em Jerusalém – não o seguiria, por ter um pequeno exército. Certo disso, atacou despreocupadamente algumas cidades, deixando que o seu grande exército pilhasse e se reabastecesse à vontade, consentindo na sua dispersão, sempre na suposição de que não seria atacado pelo rei Balduíno. No entanto, este, com a ajuda de oitenta templários, furou as suas defesas e antes que Saladino chegasse a Jerusalém atacaram-no, no monte Gisardo, infligindo-lhe uma tão grande derrota que o fez regressar ao Egito com cerca de um décimo do seu exército.
- Eia, isso é que foi! – Gritou o Joaquim, entusiasmado.

- Mas, não penses que ficaram por aqui as vitórias dos templários, que eram lutadores heroicos e destemidos que facilmente davam a vida na expansão da fé Cristã.

- Já em 1124, ao lado do rei Balduíno, haviam cercado a cidade de Allepo, cerco que levantaram três meses depois - embora a cidade estivesse prestes a render-se - por marchar sobre eles um grande exército comandado por Seljúcida Saneur Burçuci, que vindo de Mossul, os vinha atacar. Após ver que as tropas do rei

Balduíno, e os templários, haviam levantado o cerco, Seljúcida reforçou-se com contingentes de outras cidades-estado muçulmanas, e cercou a cidade de Azaz, a norte de Allepo.

Então, Balduíno II, Joscelino I e Pôncio, rei de Trípoli, trouxeram dos seus domínios, 1100 cavaleiros e mais 2000 soldados de infantaria, repartindo o exército em treze destacamentos.

Aos cruzados coube enfrentarem o inimigo com três batalhões de cavaleiros: os de Antioquia à direita, Trípoli e Edessa no centro e Jerusalém à esquerda. Foi então que o rei Balduíno usou uma habitual tática muçulmana: acossado de perto pelo inimigo, simulou uma retirada para atraí-lo para um terreno aberto onde montara uma emboscada. Com este onde queria, carregou sobre ele, tirando vantagem da rapidez do ataque.

Após uma batalha longa e sangrenta, os seljúcidas foram derrotados, perdendo quinze emires e milhares de soldados. O campo muçulmano foi tomado por Balduíno que com os prisioneiros e material apreendido pode resgatar os prisioneiros cristãos.

Esta vitória contribuiu para restaurar muito do prestígio que os templários tinham perdido numa outra batalha em 1119.
- Bem feito! – Gritou entusiasmada a Chica da russa.
- Pois é! Mas, por hoje chega. Já me dói a garganta de tanto falar.
- Não quer um cafezinho bem quente, antes de ir? – Perguntou, amorosamente, a Mariquinhas.
- Olha que, se mo tirares bem que te agradeço! – Respondeu-lhe o professor, com um largo sorriso.
E, assim aquele serão chegou ao fim.
-Olá a todos, boa noite!

- Boa noite, professor! Então o que nos vai contar hoje sobre os cavaleiros do Templo? – Perguntou alguém da assistência que, se encontrava já acomodada no café esperando o início do serão didático.

- Há tanto a dizer sobre os templários que estou um pouco sem saber muito bem por onde começar, mas acho que hoje vamos falar na expansão que a Ordem teve em Portugal. Vamos lá, então:

- Por volta do ano de 1127, nove anos após a fundação da Ordem, deslocou-se à

Península Ibérica um cavaleiro templário
– há quem diga que foi o próprio Hugo de Payens - que, em representação da mesma, veio solicitar ajuda material e procurar novos membros. Julga-se que a sua diligência e os esclarecimentos tenham sido tão empolgantes que cativaram todos quantos o ouviram. Já em 1126, D Teresa, mãe de Afonso Henriques, tinha doado à Ordem a Fonte Arcada, no concelho de Penafiel, e em 1128 o castelo de Soure e, mais tarde, as florestas e castelo de Ceras, de considerável posição estratégica na linha do Mondego ao Tejo. Há historiadores que são de opinião que este castelo não era mais que umas ruinas que se encontravam perto de onde depois foi erguido o castelo de Tomar. Também, por esta altura, vários cavaleiros portugueses aderiram à causa da Ordem. Sendo Gualdim Pais amigo de D. Afonso Henriques, que se dizia templário, veio este fidalgo a ter uma importância preponderante no estabelecimento e divulgação da Ordem dos Cavaleiros do Templo, no centro de Portugal. Após a batalha de Ourique, em 1139, em que, aos vinte e um anos, foi armado cavaleiro por D. Afonso Henriques, Gualdim Pais, em 1147, teve papel preponderante na conquista de Santarém, onde comandou as tropas e montou a estratégia. No mesmo ano voltou a tomar parte no cerco de Lisboa em que os cristãos saíram vencedores, mais uma vez com a preciosa ajuda dos Cavaleiros Templários.

Por esta altura Gualdim pais partiu para a Terra Santa, onde se destacou como bravo cavaleiro, contra os mouros, batendo-se durante cinco anos em várias batalhas, como a de Ascalon em 1153, no cerco de Gaza e no ataque a Sidon.

Coberto de glória pelos feitos na Palestina, onde foi investido como Cavaleiro Templário; Afonso Henriques reclama de novo os seus serviços, pelo que volta a Portugal a tempo de, em 1158, ser o grande herói da tomada de Alcácer do Sal.

Após esta batalha, em que morre o então Grão-Mestre da Ordem em Portugal, o rei Afonso Henriques nomeia Gualdim Pais Grão-Mestre, o qual, em 1160 dá início à construção de um castelo nas terras de Ceras, (que incluíam todo o Concelho de Tomar), no local onde existiam as ruinas romanas de Sellium, começando assim a construção do que ainda hoje é o belo castelo dos Templários, para onde mais tarde veio a mudar a sede da Ordem, de Soure, onde se encontrava, a qual se manteve ali até à extinção dos Cavaleiros do Templo, em 1312.

Por esta altura, fundou também a vila de Tomar, a que deu o primeiro foral em 1162.

Verificando a necessidade de rapidamente edificar mais fortalezas para defesa da linha do Mondego ao Tejo, resolve dar força à ideia. Assim, em 1171 nasce o castelo de Almourol com a reconstrução de umas velhas ruinas ali existentes. Em 1172 o castelo de Monsanto, e em 1174 o castelo do Zêzere, do qual hoje apenas restam ruinas. Nesse mesmo ano, concede o foral ao castelo de Pombal.

Em 1190 conseguiu repelir um cerco ao castelo de Tomar, que durou seis dias, em que os sarracenos chegaram a estar dentro da porta da Medina, tendo-se travado uma tão sangrenta batalha que, a porta ficou conhecida como a porta do sangue. Foi esta a última batalha em que participou, tendo com a sua vitória, vencido 900 guerreiros Almorávidas comandados pelo rei de Marrocos, Almançor, pondo fim à investida dos sarracenos que vinham, desde o sul, apoderando-se de várias das nossas fortificações.

Escudeiro e amigo de D. Afonso Henriques, homem corajoso, honesto, empreendedor e defensor da fé, foi o Grão-Mestre da Ordem até à sua morte em 1195.

Chegaram os Templários a território de Portugal, onde possuir uma extensa área do com o seu trabalho e grande

organização vieram a ter uma enorme fortuna, o que aconteceu também em todos os países em que se fixaram. No nosso país, passaram ainda, a partir de 1169, a ser senhores de 1/3 de tudo o que fosse conquistado para além Tejo.

- Ó professor, a mim parece-me que o rei estava muito na mão dos Templários. Não acha? – Perguntou o Jeremias da avó, que até ali se tinha mantido calado, sinal de alguma introspeção.
- O que dizes está muito bem observado e revela que tens estado bem atento ao que aqui se tem dito!

- Tens toda a razão! Os templários acabavam por ter tanto ou mais poder que o rei mas, naquela época, nos países Ibéricos e Francês e no Estado de Jerusalém, a ajuda prestada pela Ordem, tanto militar monarcas que como económica, era imprescindível para os

queriam dilatar e manter os seus territórios libertos dos mouros.

Dito isto, meus amigos; está chegada a hora de ir aquecer os lençóis. E, este tempo que não melhora! Vou apanhar uma valente molha daqui até ao quarto!

- Brrr! Tem que ser! Até amanhã.

- Ora cá estamos nós novamente. Mas, vejo que falta aqui

gente, já se cansaram de me ouvir?
- Boa noite professor! - Cumprimentou a Mariquinhas, com um ar brejeiro. - Não! É que anda para aí uma gripe danada! Também com este tempo, não é para menos! Mas, toma um cafezinho bem quente?

- Se já cá estivesse já não vinha cedo, minha linda! Ela, ao ouvir o piropo, Fez um trejeito engraçado e um sorriso cativante e foi buscar o café.

- Bem, agora que já tenho a garganta quentinha, vamos lá à nossa conversa:

- Como já se aperceberam a Ordem dos Cavaleiros Templários chegou a ter uma expressão enorme, não só no oriente médio, mas também na Europa. O seu poderio económico era de tal modo grande que, alguns reis chegaram a depender da Ordem, encontrando-se altamente devedores junto dos Templários. Foi o caso do rei de França, Filipe IV, que encontrando-se completamente endividado junto desta, e não tendo maneira de pagar, começou a difamar os cavaleiros, vindo com isso a conseguir que a Ordem dos Templários fosse extinta. Mas, deste acontecimento falaremos mais tarde, pois ainda temos muito para dizer em relação a estes destemidos, poderosos e temidos guerreiros, cuja regra era: *um cavaleiro templário é verdadeiramente um cavaleiro destemido e seguro de todos os lados. A sua alma é protegida pela armadura da fé, assim como o seu corpo está protegido pela armadura de aço. Ele é, portanto, duplamente armado, não tendo necessidade de ter medo de demónios, nem de homens*.

- Hoje estou admirado convosco. Ninguém quer fazer perguntas?
- Faço eu já uma: Ó professor, então os Templários só andavam por Portugal, Espanha, França e Jerusalém?
- Não, Micas. Também estiveram na Escócia, Inglaterra e Chipre.

- Diz-se que em chipre, deixaram avultados tesouros e muitos documentos que constituíam o seu arquivo central e que os Turcos - Otomanos se apoderaram de uns, e destruíram os outros.

- Como é que vossemecê sabe essas coisas todas? – Perguntou o Ti Zé do moinho.

- Olhe Sr. José: lendo, lendo, lendo muito!
- Ena, ê cá se lesse assim tanto, já tinha gasto os olhos! – Respondeu o Ti Zé.
Toda a gente riu à gargalhada.

- Mas, continuando, - disse o jovem professor, ainda a rir. – Os cavaleiros do templo eram, na sua maioria, pessoas bastante cultas e com elevados conhecimentos para o tempo, quer de táticas de guerra, quer de administração e gestão, quer ainda de navegação, o que além de lhes dar prestigio também fazia com que fossem temidos e detestados por muitos dos que, lhe sendo inferiores, os invejavam.
- De um modo geral tratava-se de cavaleiros de alta estirpe, tendo nas suas fileiras homens como o rei de Inglaterra, Ricardo
- coração de Leão, a mãe, Leonor da Aquitânia, William Wallace, alto guardião da Escócia, Gualdim Pais, fundador de Tomar e escudeiro do rei, e muitos outros.

- Como atrás disse, eram ainda, excelentes navegadores, chegando a possuir uma enorme armada em que se deslocavam para os diversos países, fazendo comércio, transportando produtos ou soldados. Foi parte desta armada utilizada para conquistar o Alvor, Sagres e Silves nos reinados de D. Afonso Henriques e D. Sancho I, tendo sido recuperadas, em sagres, relíquias cristãs preciosas.

Também por esta altura foi levada para Silves, a fim de ali ser guardada logo que a cidade fosse tomada aos mouros, a primeira cruz de Portugal, importante símbolo de proteção divina do reino, oferecida por S. Bernardo de Claraval aos monges de Cister. Esta cruz que se encontrava à guarda dos Cavaleiros do Templo, no castelo de Tomar, foi transportada pela esquadra templária para o Algarve, (Al-Gharb em árabe), sendo depositada na cidade de Silves, onde esteve durante dois anos, altura em que a cidade voltou a ser reconquistada pelos árabes, pelo que, nessa altura se lhe perdeu o rasto até aos nossos dias, acabando no entanto, por ser encontrada na cisterna do castelo de Silves.

- Agora, meus amigos, chegou a altura de ir à deita porque amanhã também é dia.
- Boa noite a todos!

- Boa noite, professor! Naquela tarde fria e chuvosa de um domingo de Dezembro, em que o vento soprava gélido dos lados da serra da Freita, o professor entrou no ambiente acolhedor do café da Mariquinhas, onde a lareira

crepitava emprestando ao lugar uma temperatura que servia de ancoradouro completamente enregelados. aos que, como ele, vinham Tirando o pequeno chapéu

impermeável, o cascol e o Kispo de penas que se encontrava completamente encharcado, os quais pendurou no cabide junto à porta, disse, esfregando com força as mãos:

- Ufa!...Não se pode andar na rua!
- Boas tardes! Enfim, muito boas não serão, mas é o tempo que temos!

- Boa tarde, professor, sentados usufruíam do proporcionava.

responderam os que comodamente calor agradável que a lareira
- Então o professor não quis ficar no quentinho? – Perguntou-lhe a Mariquinhas, enquanto lhe tirava o acostumado café.

- Olha Mariquinhas, sabes, faz-me falta uma companhia. Se eu não fosse sozinho teria ficado no aconchego do lar fazendo uns miminhos à minha mulher e recebendo outros… Ah, assim valia a pena! Agora sozinho… que fico eu a fazer no quarto. Nem gato tenho!

A rapariga, olhando-o com aqueles seus olhos negros que o convidavam silenciosamente a ser mais ousado, disselhe:
- Ora, professor… Se é sozinho é porque quer, não faltam para aí raparigas que gostariam de compartilhar da sua solidão!
Ele, sorrindo-se, não teve coragem para ir mais além e disfarçando, disse virando-se para os restantes:
- Então hoje como é? Continuamos com a nossa conversa?
- Se o professor estiver disposto, nós aqui estamos para o ouvir e eu, para não faltar, até fui pastar as minhas vacas mais cedo!
- Então ó Joaquim, com este tempo foste pastar as vacas?
- Atão pois! As bichinhas precisam comer!

- Muito bem! Vamos lá então começar, agora que já tomei o excelente cafezinho que a Mariquinhas me tirou, acho que é chegada a altura de falarmos sobre a expansão que a Ordem teve por toda a Europa Ocidental, parte da Oriental, Chipre e Médio Oriente.

- Durante cerca dos duzentos anos da sua existência, séc. XII e XIII, dos anos de

1118 a 1312, a Ordem dos Cavaleiros do Templo foi-se expandindo e acumulando riquezas. Riquezas tanto materiais, como em conhecimento. Sendo com o seu saber, experiência e fortuna uma fortíssima organização, começou a causar receios e invejas naqueles que, principalmente na igreja e na realeza se começaram a sentir pouco seguros.

- O maior exemplo do que atrás vos disse foi, a perseguição que o rei de França, Filipe IV, desencadeou contra os Cavaleiros Templários. Este monarca completamente falido e altamente endividado com a Ordem do Templo, sem qualquer possibilidade de pagar, enveredou pelo campo da calúnia contra a Ordem Templária com o intuito de a descredibilizar publicamente. Valendo-se do fato do então papa, Clemente V, ser francês, conseguiu – por ser conhecedor de muitos dos seus podres, que os tinha – pô-lo do seu lado, para acabar com os Templários e confiscar todos os seus bens. De conluio com o chanceler do reino, Guillaume de Nogaret, personagem assaz sinistra, verdadeira alma danada do rei e a quem a história atribui um sem número de malfeitorias, desencadeou uma sórdida campanha de difamação da Ordem que, acabou por sortir os efeitos desejados desacreditando a Ordem Templária, acusando os seus membros de heresia e imoralidade.

Assim, em 1307, procedeu-se, por ordem enviada pelo rei, à prisão de todos os Cavaleiros que estavam em território francês. Fazendo, o papa, na mesma altura, a todas as outras nações o mesmo pedido, - vejam agora a incongruência - embora em 1311 o próprio papa tivesse declarado no concilio de Vienne que, com base nos inquéritos eclesiásticos e civis não existiam factos de culpabilidade.
- E, agora meus amigos; vou aproveitar, porque não está a chover, para me retirar. Amanhã continuamos.

- Durmam bem e, até amanhã!
- Adeus professor; agasalhe-se bem! Veja lá, não se constipe!
- Obrigado, Mariquinhas!

- Mais uma vez cá estamos junto à nossa lareira para mais um

pouco de convívio, após um dia de trabalho. O meu foi bastante cansativo, com a preparação dos trabalhos para os cachopos fazerem nas férias do Natal, que se aproxima. Quanto ao vosso, julgo que não tenha sido melhor, com este tempo estuporado.
- Ah, lá isso não foi, não senhor! – Proclamou o Zé cebola. Eu tive de andar a correr atrás de uma chibita que me fugiu. E então, não foi que o raio da chiba se me não deixava apanhar? O raio da cabra!

- Bem! Mas apesar de tudo, aqui estamos todos inteirinhos e cheios de vontade de o ouvir! – Disse a Mariquinhas, manifestando que estava feliz com a presença do professor.

Este, após beber o café, que já nem necessitava pedir, disse:
- Atenção a toda a gente! Vamos começar!

-Com os Cavaleiros presos, a tomada de Jerusalém pelos Mouros, e a saída da Ordem de Chipre, deu-se a hecatombe! Pelo que, por bula papal, foi decretada a *extinção da Ordem dos Cavaleiros do Templo, em 1312*.

- Dois meses após a prisão dos Cavaleiros da Ordem, cento e trinta e oito foram interrogados em Paris, sendo as confissões arrancadas sob tortura, segundo uma carta do próprio papa, Clemente V, enviada ao rei. Papa que, como sabemos, não estava isento de culpas em todo aquele processo.

Em 1308, o Grão-Mestre Jacques Molay, foi também interrogado, sendo na altura absolvido. Não obstante, foi mantido preso sob tortura, até 1314, ano em que foi queimado vivo! Sendo anunciada, nos jardins de Notre Dame, a prisão perpétua dos principais Cavaleiros da Ordem embora estes continuassem a proclamar inocência. Nesse mesmo dia, como já referi, foi feita uma fogueira e queimados Jacques de Molay e Geoffroy de Charnay.

Conta-se que ao ser queimado, Jacques de Molay enquanto continuava a proclamar inocência, proferiu uma maldição desafiando o rei, Filipe IV, e o papa, Clemente V, a estarem presentes com ele no julgamento de Deus, antes que aquele ano terminasse. Aconteceu que, tanto o papa como o rei; morreram antes

do fim do ano. Nos três anos seguintes os sucessores do rei, todos seus descendentes, vieram a falecer, acabando assim a dinastia dos Capetos. Diz-se que quando a cabeça de Luís VI caiu na cesta da guilhotina, um homem, não identificado, aproximou-se e mergulhando a mão no sangue do monarca exclamou: Jacques de Molay! Foste vingado!

Todo este processo foi um grande embuste planeado por Filipe IV com a complacência do papa Clemente V. Nada mais falso que os Cavaleiros do Templo praticarem heresia e sodomia. Eles eram, além de cavaleiros, monges puros e retos. O Templário tinha em Cristo **A SUA PAIXÃO,** para ele vivia e por ele morria!

- Por aqui fico! Hoje, tenho de ir mais cedo! Até amanhã a todos.

- Adeus, professor! – Respondeu, a Mariquinhas fazendo beicinho.



Templários
-Olá, boa noite! Isto hoje já está um pouco melhor. Chove, mas

não faz frio. Apre, que tem sido um ano!
- Boa noite professor! Sabe, hoje à tarde pensei em si! – Disse a Mariquinhas.
- À sim? Então e foi bem ou mal?
- Oh! Professor, eu ia lá pensar mal de si? Se eu até gosto tanto do professor!

- Gostas? Estás a brincar ou a falar a sério? – Perguntou ele, chegando-se para junto da rapariga, para que os restantes não ouvissem a conversa.

- Então não dá para notar que gosto? – Respondeu a Mariquinhas, falando baixinho e passando-lhe a mão na cara, com meiguice.

- Se eu tivesse a certeza do que estás a dizer era a pessoa mais feliz da terra!
- Ó seu tonto, ainda não percebeu que eu não vejo outra coisa que não seja o professor?

- Ó Mariquinhas! Traz-me uma cerveja, mas não demores, rapariga, que estou cheio de sede! – Pediu um cliente que se encontrava sentado junto à janela.

- Vou já! – Respondeu ela, enquanto olhava amorosamente para o professor.
Ele, pigarreando disse, virando-se para os assistentes:

- Vamos lá à nossa conversa habitual. Toda a gente se calou imediatamente.

- Na altura em que se deram as prisões, a maioria dos cavaleiros, sabendo do que se estava a passar, fugiu para outros países levando com eles avultados tesouros pertencentes à Ordem. O próprio Grão-Mestre, Jacques de Molay, ao ter conhecimento, em Chipre, da chamada que lhe fez Filipe IV, desconfiando do motivo da mesma, e, prevendo uma eventual armadilha, tomou as providências necessárias para assegurar, não somente a sobrevivência da Ordem e a sua liderança, mas também para que a sabedoria e riqueza templária se não perdesse, escondeu quase tudo o que esta possuía de património material e espiritual. Consta ainda que em Paris, ao serem queimados Mestre de Molay e alguns dos seus mártires companheiros, falsamente acusados, muitos outros se escaparam e desapareceram submergindo na bruma com os seus tesouros. Documentos da época referem que quando as tropas de Filipe IV chegaram ao porto de Nantes, apenas viram a frota templária, de velas desfraldadas ao vento, a desaparecer no horizonte. E, outros ainda, que várias carroças carregadas e cobertas de palha, protegidas por forte escolta templária disfarçada de agricultores, se escapara em direção aos Pirenéus.

Sabe-se que muitos destes cavaleiros fugiram para países como Escócia, Inglaterra, Irlanda, Alemanha e Suíça, onde se refugiaram para não serem presos. Estudiosos desta temática são até de opinião que, o atual sistema bancário suíço foi criado por esses cavaleiros, com a experiência adquirida na gestão dos bens da Ordem.

Sabe-se também que os templários que se encontravam nos outros países, perseguidos.
como por exemplo Portugal, não foram

O que até hoje tem causado muita curiosidade e algumas

histórias, tem sido o paradeiro do tesouro pertencente à Ordem dos Cavaleiros do Templo. Embora uma parte tenha ficado em poder dos Turcos-Otomanos, em Chipre, outra em Jerusalém, mas…e todo o resto? Não nos esqueçamos que a Ordem Templária era detentora de uma fortuna incalculável!

- Agora, se me não levam a mal, acabamos aqui por hoje, continuando amanhã. Hoje estou mesmo cansado!

- Não se preocupe connosco professor! Largos dias têm cem anos. – Disse a Mariquinhas, com malícia, indo-lhe buscar o Kispo que graciosamente lhe pôs pelas costas, enquanto baixinho lhe dizia:

- Vai, não apanhes nenhum resfriado e dorme bem!

Ele, notando que ela o tratava por tu pela primeira vez, também baixinho, respondeu: vou sonhar contigo! – Enquanto em voz alta:

- Obrigado, Mariquinhas! Até amanhã a todos.
Naquele serão de fim de tarde, princípio de noite, o café da Mariquinhas estava praticamente repleto de clientes. Ela, com o seu ar gracioso ia atendendo todos, servindo uma cerveja aqui, um café acolá e mais adiante um copo de vinho. Todos os

presentes, clientes habituais, sentiam-se ali como se em suas casas estivessem. A dona do estabelecimento com a sua graciosidade e simpatia a todos atendia com um sorriso, ouvindo bastas vezes, alguns inofensivos piropos a que normalmente respondia com um sorriso. Andava nesta faina, quando de repente se abriu a porta para dar entrada a mais um cliente; a Mariquinhas imediatamente ficou estática, parando repentinamente o que estava a fazer. Tinha acabado de chegar o nosso conhecido professor. Ela solicita, correu ao seu encontro de sorriso nos lábios, dizendo em voz alta, enquanto o ajudava a tirar o Kispo, que sempre o acompanhava:

- Boa noite, professor! Vem a fugir do frio?
Enquanto, de modo a que só ele ouvisse:
- Dormiste bem, meu amor?
Ele, com um sorriso que queria dizer o quanto havia gostado da maneira como tinha sido recebido, respondeu-lhe:

- Não é para menos, Mariquinhas! Nunca mais acaba o Inverno!

– E, em voz baixa: - Dormi bem e sonhei ainda melhor. Sonhei contigo, querida!

Disfarçando:

- Boa noite a todos! Cá estamos novamente para mais uma agradável conversa. – Enquanto ele falava, a Mariquinhas já lhe estava a tirar o habitual café. Mas, de tão embevecida que estava a olhar para ele, deixou que o café se entornasse extravasando da chávena. Tirando outro, trouxe-o pondo-lho na mesa com um encantador sorriso.

Após tomar o café, o professor, começou a sua dissertação:

- Meus amigos, em relação ao tesouro que a Ordem dos Templários detinha, ainda hoje procurado, embora muito dele tenha sido confiscado e transferido para a Ordem do Hospital, tinham os templários também uma enorme esquadra, da qual se desconhece o paradeiro. Sobre isto ainda vamos voltar a falar.

Como disse, sobre o tesouro algumas lendas, (ou não), foram postas a circular. Fala-se, por exemplo, na fortuna do padre François Bérenger Saunière, da pequena aldeia francesa de Rennes-le-château. Diz-se que a riqueza deste padre foi descoberta debaixo da cripta, (construção subterrânea feita de pedra ou escavada no solo) da igreja de Rennes e que tendo sido pertença dos Templários, constava do *MENORÁ* - Candelabro dos sete braços, feito de ouro maciço puro, por Moisés, para ser colocado dentro do Santo Lugar, (sala do tabernáculo, mais tarde uma sala do Templo de Salomão onde ficava guardada a arca da aliança). É este o símbolo Judaico mais antigo. Outros investigadores dizem que o padre Bérenger ao substituir o altar da igreja, cuja lage era suportada por duas colunas, verificou que uma delas era oca, encontrando lá dentro quatro pergaminhos, em que num dos quais se fazia alusão à igreja de Sião, a Jesus Cristo e a um hipotético casamento seu com Maria Madalena e que, de posse dos pergaminhos, o padre Bérenger chantageou a Santa Sé. Ao certo não se sabe como o padre conseguiu a fortuna, o que se sabe é que não sendo rico e ganhando pouco, fez altíssimos investimentos na remodelação da igreja, para além de viver faustosamente, chegando até a custear do seu bolso a construção de uma estrada para ligar a aldeia a vias principais.

- Ó professor diga-me cá, se faz favor, o que era a arca da aliança e para que servia? – Pediu, lá do fundo, a Micas.

- Olha, Micas: a arca da aliança, segundo as escrituras, foi construída por Moisés para guardar as tábuas da lei com os dez mandamentos, a vara do profeta Arião

e um vaso de Maná e simboliza a aliança de Deus com os homens.

- Agora meus caros ouvintes, como é quase meia-noite e amanhã há que trabalhar, vamos à deita que está o sono à espreita.

A Mariquinhas ao ouvir isto, fez beicinho e veio ter com o professor, dando-lhe solicitamente o Kispo, dizendo-lhe enquanto lho ajudava a vestir:

- Posso ir ter contigo amanhã à escola, já que tu cá não vens?
Ele, após hesitar um pouco, disselhe:
- Está bem, amor, lá fico à espera. – E, virando-se para os restantes:
- Até amanhã, boa noite para todos!
- Até amanhã, professor! Durma bem. – Responderam, incluindo a Mariquinhas.

O dia havia sido de êxtase para o professor que, ao acabar as

aulas do período da manhã por volta das 12,55 e se preparava para ir almoçar, foi visitado pela Mariquinhas, a qual entrando de supetão na sala de aula, já vazia, o deslumbrou ao dirigir-selhe e, sem rebuço, o beijar com ardor, na boca.
Agradavelmente surpreendido retribuiu o beijo quente da rapariga ao mesmo tempo que murmurava:

- Minha querida! Mas que agradável surpresa e que doce enlevo me proporcionaste com a tua vinda! - E, voltando a enlaçá-la pela cintura, voltou a beijá-la com ardor.

Ela correspondia aquele beijo com todas as forças do seu ser, entregando-se-lhe com volúpia, deixando-se arrebatar por aquele sentimento tão belo que cada vez mais sentia crescer dentro de si.

- Meu amor! Agora que já demonstrámos o amor que sentimos um pelo outro, tenho de me ir embora, com muita pena, mas pedi à Micas para ficar um bocadinho a tomar conta do café, enquanto eu vinha "aos correios". Até logo à noite meu querido.

- Adeus minha adorada. Não vejo o tempo passar, para te voltar a ver! Até logo à noite.

Cerca das dezoito horas, eis que o nosso conhecido professor entra no café da Mariquinhas, visivelmente bem-disposto, assobiando uma melodia em voga na altura. No salão encontravam-se ainda poucas pessoas, visto ser mais cedo que o habitual.

- Boa noite!

- Boa noite, professor. Hoje veio mais cedo! Foi o frio que correu consigo da escola? – Perguntou um dos assistentes, enquanto a Mariquinhas, atrás do balcão, o devorava com os seus doces olhos convidando-o a aproximar-se.

Chegando-se junto dela ouviu-a dizer baixinho:
- Meu amor! Que bom que já vieste, já tinha saudades tuas. Que pena não te

poder dar um beijo!

- Também eu gostava de te poder beijar, mas talvez mais logo, quando estiver para sair, possamos ir ali junto do corredor e, sem que nos vejam, te possa sentir nos meus braços. – Entretanto ia fazendo de conta que estava a tomar o café que ela tinha tirado. Acabado este, virou-se para a assistência que já havia aumentado, dizendo:

- Bem parece que já cá estão todos! Sendo assim, vamos começar:

- Ainda relacionado com o tesouro dos Templários, como já vimos, na altura em que foram presos os Cavaleiros do Templo em França, e morto o seu Grão-Mestre por ordem de Luís IV, muitos conseguiram fugir. Uns, rumo aos reinos católicos de Aragão, Castela, Navarra, Leão e Portugal e bem assim Escócia e Suíça, onde após mudarem de identidades, continuaram a fazer a sua vida de cidadãos vulgares, podendo utilizar os valores que, como sabemos, consigo levaram, quer nas naus da esquadra, quer nas carroças que foram vistas a sair rumo aos Pireneus, cobertas com palha. Estou-me a referir aos Templários que fugiram de França, porque os que se encontravam nos restantes países não tiveram de se preocupar, pois os respetivos reis não lhe moveram qualquer perseguição.

- Com a saída repentina de Chipre e a posterior destruição do seu arquivo central, em 1571, criou-se uma grande penumbra em relação às atividades e principalmente ao património cultural e material que a Ordem possuía, o que veio dar lugar ao aparecimento de várias lendas e diferentes versões sobre a sua história. Especula-se, por exemplo, sobre as relíquias que os templários possam ter encontrado em Jerusalém, como o Santo Graal ou a Arca da Aliança.

- Ó professor! O que é o Santo Graal? – Perguntou a Micas.

- Olha Micas! O Santo Graal é indicado como tendo sido o cálice usado por Jesus Cristo na última ceia, e onde, na literatura, José de Arimateia colheu o sangue de Jesus durante a crucificação.

- Outra relíquia que a lenda diz, os Templários terem encontrado na Palestina, é o Santo Sudário.
- E…o que é o Santo Sudário? – Perguntou timidamente o Zé da Chibita.

- Ó Zé: o Santo Sudário é uma peça de linho mostrando a imagem de um homem

que aparentemente sofreu traumatismos físicos de maneira consistente com a crucificação. Encontra-se guardado na catedral de Turim desde o séc. XIV. Vários cristãos acreditam que seja o tecido que cobriu o corpo de Jesus, após a sua morte.

- E, agora, que já respondi a todas as vossas perguntas, vou andando para a minha choupana. Ah!... Mariquinhas, hoje vou beber mais um café, se fizeres o favor de mo tirar.

- Claro que sim, professor! – Respondeu a rapariga, enquanto, com a chávena na mão, se encaminhava lá para o fundo, para o canto do corredor, onde havia alguma penumbra, em que não entravam facilmente os olhares indiscretos.

- O nosso conhecido professor foi-a acompanhando e assim que chegaram ao local escolhido, abraçaramse e beijaram-se com sofreguidão, ouvindo-se de seguida o barulho de uma chávena a estilhaçar-se no chão.

- Ai que desajeitada que sou! Já deixei cair a chávena. Ó professor desculpe, já lhe vou tirar outro café!
- Não te preocupes! Essas coisas acontecem! – Respondeu ele, disfarçando.
- Bom, meus amigos, então até amanhã!

- Adeus professor, até amanhã. Nós também já vamos, que são horas!
No dia seguinte à noite, depois da Mariquinhas ter novamente, à

hora de almoço, ido ter com o professor à escola, este chegou como de costume ao café e, entrando, cumprimentou todos os presentes, pedindo a seguir o habitual café. A cachopa apressouse a dirigir-se para a máquina a fim de lho tirar, enquanto o olhava com uns olhos que destilavam amor. Ele, completamente encantado com aqueles olhos pretos tão expressivos e com a doçura e sensibilidade da rapariga, sentia-se um privilegiado por saber que ela o adorava. Como, com ele se passava o mesmo, começou a pensar que não fazia sentido andarem a namorar às escondidas, como dois miúdos, quando afinal eram ambos maiores e livres. Decidiu falar com ela, para darem a conhecer a toda a gente, aquele amor que os devorava.

Chegando-se perto do balcão transmitiu à Mariquinhas a ideia que tinha tido, o que, se a pôs toda nervosa, por outro lado também a encheu de felicidade, levando-a a dizer:
- Mas, meu amor! A primeira pessoa a quem devemos comunicar é ao meu pai!

- Sim! Estou de acordo e, se concordares, amanhã pô-lo-emos ao corrente.
- Está combinado, querido.
Após esta conversa, que se passou a coberto de ouvidos indiscretos, ele virando-se para os frequentadores do café, disse:
- Meus amigos, se estiverem de acordo vamos começar a nossa conversa habitual. Acham que ainda me querem ouvir?

- Claro que sim, professor! É com grande prazer e muita atenção que ouvimos as lições que nos vai dando. Assim, ficamos a saber o que se passou por esse mundo de Deus! – Disseram alguns lá da última fila, enquanto os restantes acenavam com a cabeça afirmativamente.

- Então sendo assim, cá vai:

- Hoje vamos falar da esquadra dos templários que, como já vos disse, zarpou dos portos de França no dia da prisão dos Cavaleiros do Templo, para não mais ser vista. Mas com certeza, não foi tragada pelo mar!

- Há historiadores que dizem que, algumas destas naus vieram para Portugal, onde os Templários seus proprietários se refugiaram, visto que D. Dinis, então rei de Portugal, não só não moveu nenhuma perseguição aos Cavaleiros do Templo, como os não entregou à igreja, nem aos seus bens, como ordenava a bula papal. Em vez disso, extinguiu a Ordem do Templo, criando, em 1318, em sua substituição, a Ordem dos Cavaleiros de Cristo, para onde transferiu todos os bens da extinta Ordem dos Templários, bem assim como os elementos que a compunham que, passando a integrar a nova Ordem herdaram todas as propriedades e fortalezas da sua antecessora, assim como os votos de pobreza, castidade e obediência, agora ao rei de Portugal. Posteriormente novas mudanças desobrigaram os cavaleiros da nova Ordem do seu voto de castidade e pobreza, permitindo que homens como os navegadores Cristóvão Colombo, Pedro Alvares Cabral e Vasco da Gama se tornassem membros da Ordem de Cristo.

- Quando a Ordem de Cristo foi criada, 1318, com a sua sede fixada em Castro Marim, foi também modificada a cruz templária, passando a nova Ordem a ser representada pela Cruz de Cristo que mais tarde por tantos mares navegou e em tantos portos atracou.

- Uf! Meus senhores! Estou cansado! Acho que vou à deita. Até amanhã!

- Boa noite, Mariquinhas! Boa noite a todos! Peço desculpa

por ontem ter terminado a nossa conversa tão abruptamente, mas estava mesmo muito cansado!
- Não tem mal, professor! Também já eram horas de irmos para o vale de lençóis!
Aproximando-se da Mariquinhas, disselhe em voz baixa: Estás zangada comigo, e por isso não foste à escola?
- Não! Não estou zangada! Mas, estou sentida por teres ido embora sem sequer te teres despedido! Já não gostas de mim?

- Nada disso, não sejas tontinha. O que disse era verdade! Estava tremendamente cansado. Sua palerminha; cada vez gosto mais de ti!

- Verdade? – Perguntou-lhe ela ronronando, parecendo uma gatinha.
- Sim, é verdade, meu amor! E agora, antes que se ponham aqui a olhar para nós, vou dar início à explanação.
Virando-se para a assistência, perguntou:
- Estão todos prontos para começar?
- Sim! – Responderam.

- Então vamos a isso:
- Hoje vamos falar em algo que os vai surpreender. Mas, quero avisá-los que o que vos vou dizer está devidamente comprovado com documentos e registos que poderão ser consultados. Preparem-se que aqui vai: a Ordem dos Templários continua a existir ainda hoje passados que são setecentos anos, apesar de a sua extinção ter sido promulgada pelo papa Clemente V, e do Grão-Mestre haver sido queimado na fogueira. Mais ainda, a Ordem Templária, existe também em Portugal. Vou passar a explicar:

- Como é sabido vários reis, incluindo D. Dinis em Portugal, reino de origem Templária, opuseram-se à extinção dos Cavaleiros do Templo. Desta forma, a ordem ao invés de se extinguir, apenas se adaptou às necessidades dos tempos, submetendo-se ou transfigurando-se e neste séc. XXI abriu de novo as suas portas, mostrando alguma visibilidade. Neste contexto, a Ordem dos Templários existe não só em Portugal, mas espalhada pelo mundo! Existem, assim, Templários em Portugal e nos restantes países devida e perfeitamente legalizados

perante as leis civis de cada país. É herdeira da Ordem dos Templários, a Ordem Soberana do Templo de Jerusalém, sendo uma grande associação internacional de grandes priorados autónomos, de Direito privado, de Utilidade Pública e sem fins lucrativos, tendo como objetivo social outros fins consignados na lei, os de preservação dos lugares sagrados ao redor de Jerusalém, o de intervenção diplomática no exterior, onde e quando tenha por conveniente. Sendo a sua sigla: OSMTH. Tem ainda como objetivo propagar as tradições da antiga Cavalaria Templária num quadro cristão ecuménico, patrocinando estudos históricos, simbólicos, filosóficos e heráldicos, ajudando a aproximação de todos os povos e suas culturas, bem como promover ações caritativas e de solidariedade nacional e, ou internacional. Como organização cristã procurará sempre a unidade entre a humanidade, baseando-se na tradição Templária, sendo constituída por cristãos de reconhecida idoneidade moral e cívica. Legalmente registada na Suíça com o nr. CH-660-1.972.999-4. Encontra-se credenciada pelo Conselho Económico Social das Nações Unidas. Fundada em 1804, baseada na tradição dos Cavaleiros Templários. Criada em Portugal, em 2007, é oficialmente denominada como *Grande Priorado Lusitanae Templum* com o NIPC 508479274, sendo presidida pelo coronel médico, Dr. António O. Andrade, e integra médicos, economistas, sociólogos, juristas, professores universitários, advogados, historiadores, magistrados, oficiais e sargentos das forças armadas, eclesiásticos, gestores e quadros superiores do setor público e privado, profissionais liberais e estudantes universitários, *etc.* Não estão ligados a qualquer instituição maçónica, tal como se não encontram ligados a quaisquer seitas ou outro tipo de organizações. O Grande Priorado Lusitaniea Templum (OSMTH-PORTUGAL) é formado pelas comendas de, Lisboa, Tomar, Setúbal, Mafra, Porto, Castelo Novo, Torres Vedras e Idanha-a-Nova, sendo o seu responsável máximo o Grão-Prior da Ordem em Portugal, coadjuvado na sua direção pelos Grandes Oficiais.
- Ó professor esclareça-me cá, se faz favor! – Disse o Zé Cebola, lá da última mesa. – Então, a Ordem não acabou em Portugal, e os cavaleiros não foram para a Ordem de Cristo? Porquê virem agora novamente, tantos anos depois, mexer no mesmo assunto? Afinal a Ordem acabou ou não?

- Tens razão Zé! E, a tua pergunta deixa-me bastante satisfeito, porque é sinal de que vocês têm estado bem atentos. A Ordem de facto foi extinta, mas os seus valores continuaram bem presentes ao longo dos tempos, havendo necessidade de os perpetuar, o que não aconteceu em mais nenhuma, muito embora a Ordem de Cristo se lhe assemelhasse não era a mesma coisa. Começa por, os votos dos seus membros deixarem de ser os mesmos. Lembras-te de que os Cavaleiros da

nova Ordem deixaram de fazer votos de pobreza e castidade?

- Agora que já têm tanto em que pensar, espero que consigam dormir bem e que tenham uma boa noite.
- Mariquinhas: hoje não me deste café!...

- Tens razão! Oh!... Desculpe, não sei onde tenho hoje a cabeça! Pois não! Mas vou já tirá-lo! Chegue aqui, se não se importa. – Agora baixinho, para que não a ouvissem: hoje não me dás um beijo? Tome lá o seu café antes que fique frio!

- Ele, também baixinho: Chega ali ao escuro. - E, disfarçando: Ah, está bem, obrigado!
Dirigindo-se os dois para a zona escura do corredor, abraçaramse e beijaram-se ardentemente, dizendo, enquanto se iam beijando: - Meu amor, minha querida! – Já disse ao meu pai que queres falar com ele. Amanhã, vê se consegues vir um pouco mais cedo para poderem falar.

- Está bem, minha deusa! Amanhã falo com o meu futuro sogro.
- Até manhã a todos!

- Adeus, professor, até amanhã! – Responderam.
Conforme os clientes, naquele fim de dia, iam chegando ao café

da Mariquinhas, iam estranhando a expressão de felicidade que se lhe via estampada no lindo rosto. Ao seu lado o professor, denotando não menos felicidade, falava baixinho com ela de maneira bastante íntima.

Inicialmente ninguém disse nada, limitando-se a olharem uns para os outros, fazendo trejeitos de interrogação. Até que chegou o Zé Cebola que, depois de cumprimentar os presentes, vendo os pombinhos a arrulhar, disse:

- Olá… Anda, por aqui, moiro na costa! Estou a ver mal, ou o nosso professor vai ter de dar “às de Vila Diogo”, à frente do pai da Mariquinhas?
- Não vai, não! Que o meu pai já autorizou! – Respondeu a cachopa, de nariz empinado!

- Ah! Então ainda é melhor. Vamos ter bolos! Todos os presentes riram, enquanto o professor ia dizendo para a Mariquinhas: serve uma cerveja a cada um, que pago eu.
- Assim mesmo é que se fala! – Disse o zé da Chibita, batendo palmas.

- Bem, meus amigos, vamos dar continuidade às nossas conversas, porque o tempo continua chuvoso e é preciso tentar uma aberta, quando acabarmos.

- Como há dois dias iniciei, mas acabámos por falar muito pouco, vamos hoje voltar a falar da armada dos Cavaleiros Templários. Como já dissemos os bens pertencentes a estes cavaleiros transitaram por determinação de D. Dinis para a nova Ordem dos Cavaleiros de Cristo. Sabemos também, através de historiadores, que algumas das naus que zarparam dos portos franceses no dia em que os Templários foram presos, naquele país, se dirigiram a Portugal. Como os seus donos aqui se sentiam protegidos, por cá ficaram. Coincidindo com isto, nessa mesma altura, (1307), D. Dinis nomeou o primeiro almirante. Seria estranho que o tivesse feito, se não fosse o facto que acima descrevi, referente às naus vindas de França, pois para quê um almirante se Portugal não tinha marinha? A verdade é que, ao longo do século seguinte os consideráveis recursos militares, económicos, e principalmente o conhecimento de rotas e correntes marítimas, da construção de navios transoceânicos; a posse de mapas e o conhecimento de terras existentes a Oeste de Portugal, que os líderes dos Cavaleiros Templários detinham quando passaram a ser comandados pelo rei D. Dinis, foram aproveitados para a Templários, agora expansão marítima portuguesa. Os Ex

Cavaleiros da Ordem de Cristo, estabeleceram escolas náuticas, construíram estaleiros e sigilosamente construíram navios, sempre almejando derrotar os mouros e lançar-se em busca de novas terras que eles já sabiam que existiam.

- Durante os próximos quatro séculos, (entre 1200 e 1600), Portugal executa um, bem conseguido, projeto de expansão para além mar. Desbrava e descobre a ilha da Madeira e os Açores, vários locais no litoral de África, onde ergue fortalezas e começa o comércio e a envangelização dos povos nativos. E, as caravelas com a cruz de Cristo chegam ao Brasil e dobram o cabo da Boa Esperança, a caminho da India.

- Ena! Nessa altura éramos um país forte! – Disse, cheia de orgulho, a Micas.
- Sim! Mas foi graças ao dinheiro, empenho e conhecimentos dos Cavaleiros Templários e da sua génese.

- Agora reparo que parou de chover! Vou aproveitar para ir andando antes que apanhe uma valente molha. Adeus a todos. Até amanhã!

Enquanto os presentes respondiam:
- Até amanhã, professor! – Este, entretanto dava dois beijos na Mariquinhas e saía.

- Então muito boa noite! – Cumprimentou, visivelmente bem

disposto o professor, quando depois de sacudir o guarda-chuva, que deixou à porta, entrou no estabelecimento onde a Mariquinhas o aguardava de braços abertos. Beijando a cachopa com paixão, o que levou alguns dos presentes a darem-lhes uma salva de palmas, virando-se para estes disse, sorrindo:

- Então, vamos a isto?
- Vamos! – Responderam, entusiasmados.

Enquanto isto, a Mariquinhas que já lhe havia dado o indispensável cafezinho, punha mais umas axas na fogueira para que o ambiente se mantivesse quentinho. Já bastava o frio que se fazia sentir lá fora!

- Vamos então começar:

- Já se aperceberam, com certeza, que o nosso Portugal, sendo um país pequeno e pobre não teria, em condições normais, possibilidades de se lançar na aventura dos descobrimentos. Um tal empreendimento requeria um enorme esforço financeiro. Foi necessário construir tudo! Estaleiros, Cais e barcos. Foi preciso montar toda uma enorme organização em que não podiam faltar Cartógrafos e astrofísicos, conhecedores da utilização da bússola, do sextante e da determinação de latitude e longitude. A arte de navegar por esses oceanos requeria conhecimentos cuja implementação inicial foi dada pelos Cavaleiros Templários aquando da sua fixação em Portugal, após o êxodo de França, continuada depois pelos Cavaleiros da Cruz de Cristo, com especial relevo para um dos seus Grão-mestres, Infante D. Henrique. É visível que, só com o grande contributo dado à causa dos descobrimentos, pelos Cavaleiros da Ordem foi possível podermos ombrear, nessa tarefa, com um país como a Espanha, muito maior que nós, chegando a dividir com ela o mundo em duas partes, pelo tratado de Tordesilhas, em 1494, conciliando assim as duas monarquias no que respeitava à superintendência dos territórios descobertos por essas duas grandes potências europeias.

- Ó Professor, então e o que aconteceu a esse tratado que hoje não temos nada do que nele constava? - Perguntou mais uma vez o Zé Cebola, sempre um dos mais interventivos.

- Olha, Zé! De então para cá muita coisa se passou e Portugal, como país pequeno que era, e é, não teve condições para manter o império que nessa época descobriu.

- A construção desse império foi sempre acompanhada, como sabemos, pela edificação das bases da igreja católica nos novos mundos descobertos através da ação dos missionários de várias ordens já nessa altura existentes, ficando, no entanto, durante muitos anos, a Ordem de Cristo com a tutela do processo da edificação da igreja nos novos territórios, sendo a Madeira erguida como a primeira grande rampa de lançamento desta politica expansionista. De tal modo que em 1514 se edificou a primeira grande diocese bem-sucedida em território ultramarino, sob domínio português: a Diocese do Funchal, a qual, durante algumas décadas foi a maior diocese do mundo. Dependia da Ordem de Cristo e tinha jurisdição sobre todos os territórios descobertos e a descobrir, envolvendo três continentes.

- Ó meu amor, já chega por hoje! Já estás cansado e é melhor aproveitares agora, que não está a chover, para te ires embora. – Disse, entretanto a Mariquinhas com cara de protetora.
- Olha, querem lá ver que me está a mandar embora? – Disse o professor rindo-se, enquanto se chegava junto dela e a abraçava e beijava.

- Toca mas é a marcarem o casamento, para ver se comemos a fatia de bolo! – Disse a Micas.
- E para veres se te calha o ramo da noiva, não é? – Perguntou o Zé do chibo, rindo.
- Ah!Ah!Ah! Engraçadinho! – Ripostou a cachopa.
- Até amanhã, despediu-se rindo, o professor.
- Adeus, até amanhã, professor!

- Como de há uns tempos a esta parte, cá estamos novamente

para mais uma agradável conversa, disse o professor, enquanto tirava o Kispo encharcado.
- Olha lá, já não me cumprimentas? – Perguntou a Mariquinhas, toda afobada, de junto do balcão.

- Espera, querida, que estou só a arrumar estes livros que comprei há pouco.

- Ah, é que se está a aproximar o Natal e temos de marcar o casamento. Ou não queres? – Perguntou ela, fazendo aquele olhar a que ele não sabia dizer que não.

- Claro que quero, meu amor! - Respondeu, beijando-a. – Mas, também quero o meu café habitual. Ou a menina está-se a esquecer?

- Tens razão! Vou já tirá-lo. Enquanto isso:

- Pois então, meus amigos, hoje vamos voltar a falar de dois grandes reis: D. Afonso Henriques e D. Dinis e da sua elevada inteligência e visão para o futuro.
- D. Afonso Henriques, ainda Infante, apercebendo-se do valor, da força e da influência que a Ordem dos Cavaleiros Templários, embora muito recente, já tinha junto do papa, soube aproveitá-la para mais facilmente consolidar a fundação de Portugal, não só na ajuda que recebeu para conquistar as futuras terras de Portugal aos Muçulmanos, mas também no valor civilizatório e na força e impulso que os Templários lhe deram para que proclamasse a independência em relação ao reino de Leão. Também na Batalha de Ourique, não existem dúvidas que a ação dos templários foi de importância Vital para a vitória na mesma, nem na formação guerreira que deram ao rei, fazendo dele o impulsionador do nascimento de um novo reino, de uma terra mãe de tantas façanhas.

- Na doação em que D. Afonso Henriques confirma a que sua mãe havia feito do castelo de Soure, à Ordem, não deixa dúvidas sobre o seu relacionamento com os Templários quando escreve: "*pelo especial amor que vos tenho, porque em vossa irmandade e em todas as vossas obras sou irmão*". Encontra-se esta carta datada de 1129 e significa que D. Afonso Henriques foi pelo menos confrade do Templo. Por tudo o que atrás digo, tudo leva a crer que o projeto do novo país

teve o apadrinhamento consciente dos sábios e estrategas Templários. Não terá sido por acaso que em 1148 o arcebispo de Braga, ministro dos negócios estrangeiros de D. Afonso Henriques, vai a Roma com, objetivos diplomáticos, acompanhado de um representante do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e de UM TEMPLÁRIO.

- Desde as primeiras batalhas que os Cavaleiros do Templo acompanharam o rei e assumiram, em geral, as posições mais perigosas. Estiveram com ele na batalha de Ourique, onde pela primeira vez foi aclamado rei. O Mestre Templário Gualdim Pais, nomeado cavaleiro pelo rei, era a sua sombra, conselheiro e protetor. Por outro lado, em 1169, o rei, realizou algo ainda sem precedentes na história de Portugal: doa na presença do procurador do Templo na Terra Santa, um terço do que a Ordem conquistasse e povoasse a sul do Tejo. A presença deste procurador, cargo de alto nível na hierarquia da Ordem, diz da importância deste ato e da importância que Portugal tinha para a estratégia do Templo. Também, aquando dos ferimentos a que foi sujeito na batalha de Badajoz em 1169 que o impossibilitaram de vestir a cota de malha, foram os Cavaleiros do Templo que defenderam todos os territórios até então conquistados e os castelos neles implantados. Foi a estes homens, por ele enriquecidos, cujo estatuto os obrigava a combater continuamente contra os mouros, que o rei, incapacitado para vestir as armas, confiou a defesa das suas últimas conquistas. Quando, com quase setenta anos, D. Afonso Henriques teve necessidade de voltar às armas, lá estava Gualdim Pais, e os seus Templários, cavalgando e fazendo fugir os mouros que tentavam cercar Abrantes.

- E, quando em Dezembro de 1185, o rei Afonso Henriques, fundador e conquistador de Portugal, abandonou este mundo, depois de uma vida gloriosa de batalhas e de trabalhos, ali estavam os Templários, com Gualdim Pais, nas suas exéquias, no Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra.

- Já, por sua vez, D. Dinis agiu com extraordinária clarividência e visão a longo prazo quando, na altura, em vez de cumprir as ordens do papa, desatando a prender os Cavaleiros do Templo que já cá se encontravam e a quem Portugal tanto devia, pelas campanhas que haviam ganho contra os sarracenos, e, também os que, fugidos de França, se acoitaram no nosso país, trazendo com eles elevadas fortunas, bastos conhecimentos, muita cultura e algumas naus, os recebeu de braços abertos. Foi uma jogada de mestre, a que Portugal muito ficou devendo.

- Ah! Nós tivemos grandes reis! – Disse deslumbrado o Zé Cebola.
- Lá isso tivemos, Zé! Mas hoje não se fala mais nisso! Vou ter de combinar com a Mariquinhas os pormenores do casamento.
- Veja lá não se esqueça de nos convidar! – Gritou a Micas, entusiasmadíssima.
- Até amanhã!

- Boa noite! Cá estamos novamente com este frio e chuva.

Nunca mais acaba o Inverno para ver se começamos a aquecer. Está tudo encharcado, é só humidade por todo o lado!

- Ó professor, ela não é agradável mas faz cá muita falta! Se não fosse a chuva onde é que eu ia buscar o pasto para dar às minhas vacas?

- Tu tens razão Zé, mas como eu não tenho vacas…
- Boa noite querida! Dá-me um beijinho! Dás?

- Não devia dar, porque tu não me disseste ainda nada sobre os preparativos do casamento. Mas, como te amo… e, abraçandose a ele beijou-o ardorosamente.

- Ó minha adorada, o casamento vai ser daqui a quinze dias, já marquei com o padre João!
- Quinze dias! E achas que tenho tempo de preparar tudo? Vocês, homens são sempre os mesmos!

- Não te preocupes porque o que eu quero já está pronto há muito tempo! O resto não me interessa.
-Ah, sim? E, então o que é?
- És tu!
- Ora!!!
- Então meus senhores; vamos continuar? Hoje vejo que estão cá menos! Já estão a ficar cansados? Estamos quase a acabar.

- Não, professor; pode continuar que gostamos de o ouvir e ainda não estamos cansados. Também se não for a ouvi-lo em que passamos o tempo? A televisão não dá nada que preste. É só desgraças, só desgraças!

- Pois, como já vimos, a Ordem dos Templários teve uma importância extrema no alargamento do território para o tamanho que hoje tem. Sem a sua ajuda dificilmente teria sido possível existir Portugal do Minho ao Algarve.

- Também, como sabemos, a expansão para além mar, em parte se deveu aos Cavaleiros do Templo, visto terem sido eles que nos proporcionaram ter meios materiais, científicos e técnicos, trazidos de fora, assim como deram origem à Ordem dos Cavaleiros de Cristo, grandes responsáveis pelo sulcar dos mares, nunca antes navegados, pelas caravelas com a cruz de Cristo bem desfraldada ao vento.

- Acho que a partir de agora todos ficaram a saber quem foram os Cavaleiros Templários o que fizeram e por onde andaram. Não é verdade Zé Cebola?

- É, professor! Agora já não sou tão néscio como era!
- Tão quê? – Perguntou, intrigada a Micas
- Tão burro! Só que eu não queria chamar burro a mim mesmo!
A gargalhada foi geral.

Daí a oito dias realizou-se o casamento da Mariquinhas com o professor. Todos foram convidados e o Zé cebola fez questão de oferecer uma vaca Arouquesa para a boda, que decorreu no salão paroquial com muita animação, e com o padre João a dizer que, agora todos os dias tinha de ouvir o Zé Cebola e o António da Chibita a darem-lhe lições de Templários.